

SONETOS DE CLÁUDIO MANUEL DA COSTA [1729-1789]

VII

Onde estou? Este sítio desconheço:  
Quem fez tão diferente aquele prado?  
Tudo outra natureza tem tomado,  
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma ponte aqui houve; eu não me esqueço  
De estar a ela um dia reclinado!  
Ali em vale um monte está mudado  
Quanto pode aos anos o progresso!

Árvores que vi tão florescentes,  
Que faziam perpétua a primavera:  
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era  
Mas venho a estranhar, se estão presentes  
Meus males, com que tudo degenera!

## VIII

Este é o rio, a montanha é esta,  
Estes os troncos, estes os rochedos;  
São estes inda os mesmos arvoredos,  
Esta é a mesma rústica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,  
Rio, montanha, troncos e penedos,  
Que de amor nos suavíssimos enredos  
Foi cena alegre, e urna é já funesta.

Oh! quão lembrado estou de haver subido  
Aquele monte, e as vezes, que baixando  
Deixei do pranto o vale umedecido!

Tudo me está a memória retratando;  
Que da mesma saudade o infame ruído  
Vem as mortas espécies despertando.

### XIII

Nise? Nise? Onde estás? Aonde espera  
Achar-te uma alma, que por ti suspira,  
Se quanto a vista se dilata, e gira,  
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! se ao menos teu nome ouvir pudera  
Entre esta aura suave, que respira!  
*Nise*, cuida, que diz; mas é mentira.  
*Nise*, cuidei que ouvia; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,  
Se o meu bem, se a minha alma em vós se esconde,  
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.

Nem ao menos o eco me responde!  
Ah! como é certa a minha desventura!  
Nise? Nise? Onde estás? Aonde? Aonde?

## XCVIII

Destes penhascos fez a natureza  
O berço em que nasci: oh! quem cuidara  
Que entre penhas tão duras se criara  
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empresa  
Tomou logo render-me; ele declara  
Contra o meu coração guerra tão rara,  
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,  
A que dava ocasião minha brandura,  
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura,  
Temei, penhas, temei, que Amor tirano,  
Onde há mais resistência, mais se apura.

## SAUDAÇÃO À ARCÁDIA ULTRAMARINA

Enfim eu vos saúdo,  
Ó campos deleitosos,  
Vós, que à nascente Arcádia em grato estudo  
Brotando estais os loiros mais frondosos;  
Eu vos vou descobrindo,  
Belas estâncias do pastor Termindo.

Já sinto que respira  
Uma aura em nós suave;  
Orfeu pulsa de novo a doce lira,  
Ouve Tebas de novo o plectro<sup>1</sup> grave;  
Seu número é mais terno  
Que o que muros ergueu<sup>2</sup>, parou o Averno.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Pequena palheta ou gênio poético, inspiração.

<sup>2</sup> *Anfion*: que com o som das flautas ergueu as muralhas de Tebas.

<sup>3</sup> *Orfeu*: atravessou o Averno, lago que fica na entrada do Inferno, em busca de sua amada, Eurídice. Ao som de sua lira, consegue penetrar no Reino dos mortos.

Que pastores tão novos  
São estes, que vos pisam?  
Como entre tristes e grosseiros povos  
De nova gala os campos se matizam?  
Quem forma estas cadências?  
Quem produz tão mimosas influências?

Se os olhos me não mentem,  
Os venturosos nomes  
Gravados nestes troncos já se sentem;  
Tu, Tempo, gastador os não consomes:  
*Briareu*, aqui diz este;  
*Ninfeu*, diz outro; aqui diz outro, *Eureste*.

Na mais copada faia  
Abriu o férreo gume  
O nome de *Termino*; o Sol, que raia,  
Aqui bate primeiro o claro lume;  
Ele o vê, ele inveja,  
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

Ah! se da glória vossa,  
Pastores, cá me vira  
Tão digno, que na bela Arcádia nossa  
Iguualmente meu nome se insculpira!  
Entre a série preclara,<sup>4</sup>  
De *Glauceste* a memória se guardara.

Mas onde irá sem pejo <sup>5</sup>  
Colocar-se atrevido  
Quem longe habita do sereno Tejo,  
Quem vive do Mondego dividido,  
E as auras não serenas  
Do pátrio Ribeirão respira apenas?

Sim, vosso caro abrigo,  
Pastores, pode tanto,  
Que despertando do silêncio antigo,  
Erguer bem posso sem vergonha o canto:  
*Convosco está Glauceste,*

---

<sup>4</sup> Ilustre, famosa, notável

<sup>5</sup> Pudor, timidez, vergonha.

*Convosco faz soar a frauta agreste.*

Se não cantar os feitos

Do bom pastor d'Anfriso,<sup>6</sup>

Se de Jove e de Marte entre os eleitos

Não espalhar cantando um doce riso:

Saberei nesta praia

A Títiro imitar junto da faia.<sup>7</sup>

Em vós, ó campos, cresça

A vegetante pompa,

Cresça o verde esplendor; em vós floresça

A murta, o loiro, e na doirada trompa

Do monstro sempre errante,<sup>8</sup>

O nome de *Termino* se levante.

---

<sup>6</sup> Antonomásia de Apolo, que viveu nas margens do pequeno rio Anfriso, na Tessália.

<sup>7</sup> *Títiro*: pastor de Virgílio que toca sua flauta à sombra de uma faia.

<sup>8</sup> Possível alusão à Fortuna, inconstante e incerta.

Poema de Cláudio Manuel da Costa, *in: Coleção de poesias inéditas dos melhores autores portugueses, Volume 2*. Lisboa: Nova Oficina de João Rodrigues Neves, 1810.

**TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA [1744-1810]**

***MARÍLIA DE DIRCEU* [1792]**

**PARTE I**

**Lira I**

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,  
Que viva de guardar alheio gado,  
De tosco trato, de expressões grosseiro,  
Dos frios gelos e dos sóis queimado.  
Tenho próprio casal e nele assisto;  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;  
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,  
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,

Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,  
Dos anos inda não está cortado;  
Os Pastores, que habitam este monte,  
Respeitam o poder do meu cajado.  
Com tal destreza toco a sanfoninha,  
Que inveja até me tem o próprio Alceste:  
Ao som dela concerto a voz celeste  
Nem canto letra que não seja minha.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura,  
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,  
Depois que teu afeto me segura  
Que queres do que tenho ser senhora.  
É bom, minha Marília, é bom ser dono  
De um rebanho, que cubra monte e prado;  
Porém, gentil Pastora, o teu agrado  
Vale mais que um rebanho, e mais que um trono.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,  
A quem a luz do Sol em vão se atreve;  
Papoila ou rosa delicada e fina  
Te cobre as faces, que são cor de neve:  
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;  
Teu lindo corpo bálsamo vapora.  
Ah! não, não fez o Céu, gentil Pastora,  
Para Glória de amor igual Tesouro.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Leve-me a sementeira muito embora  
O rio, sobre os campos levantado;  
Acabe, acabe a peste matadora,  
Sem deixar uma rês, o nédio gado.  
Já destes bens, Marília, não preciso  
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;  
Para viver feliz, Marília, basta  
Que os olhos movas, e me dês um riso.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Irás a divertir-te na floresta,  
Sustentada, Marília, no meu braço;  
Aqui descansarei a quente sesta,  
Dormindo um leve sono em teu regaço;  
Enquanto a luta jogam os Pastores,  
E emparelhados correm nas campinas,  
Toucarei teus cabelos de boninas,  
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marília bela,

Graças à minha Estrela!

Depois que nos ferir a mão da Morte,  
Ou seja neste monte, ou noutra serra,  
Nossos corpos terão, terão a sorte  
De consumir os dois a mesma terra.  
Na campa, rodeada de ciprestes,  
Lerão estas palavras os Pastores:  
“Quem quiser ser feliz nos seus amores,  
Siga os exemplos que nos deram estes.”

Graças, Marília bela,

Graças à minha Estrela!

## LIRA XVI

Eu, Glauceste, não duvido  
Ser a tua Eulina amada  
                  Pastora formosa,  
                  Pastora engraçada,  
Vejo a sua cor de rosa,  
Vejo o seu olhar divino,  
Vejo os seus purpúreos beiços,  
Vejo o peito cristalino;  
Nem há cousa, que assemelhe  
Ao crespo cabelo louro.  
Ah! que a tua Eulina vale,  
Vale um imenso tesouro!

Ela vence muito e muito  
À laranjeira copada,  
                  Estando de flores,  
                  E de frutos ornada.

É, Glauceste, os teus Amores;  
E nem por outra Pastora,  
Que menos dotes tivera,  
Ou que menos bela fora,  
O meu Glauceste cansava  
As divinas cordas de ouro.  
Ah! que a tua Eulina vale,  
Vale um imenso tesouro!

Sim, Eulina é uma Deusa;  
Mas anima a formosura  
De uma alma de fera;  
Ou inda mais dura.

Ah! quando Dirceu pondera  
Que o seu Glauceste suspira,  
Perde, perde o sofrimento,  
E qual enfermo delira!  
Tenha embora brancas faces,  
Meigos olhos, fios de ouro,  
A tua Eulina não vale,  
Não vale imenso tesouro.

O fuzil, que imita a cobra,  
Também aos olhos é belo;  
Mas quando alumeia,  
Tu tremes de vê-lo.

Que importa se mostra cheia  
De mil belezas a ingrata?  
Não se julga formosura  
A formosura que mata.  
Evita, Glauceste, evita  
O teu estrago e desdouro;  
A tua Eulina não vale,  
Não vale imenso tesouro.

A minha Marília quanto  
À natureza não deve!  
Tem divino rosto,  
E tem mãos de neve.

Se mostro na face o gosto,  
Ri-se Marília, contente:  
Se canto, canta comigo;

E apenas triste me sente,  
Limpa os olhos com as tranças  
De fino cabelo louro.  
A minha Marília vale,  
Vale um imenso tesouro.

## PARTE II

### LIRA II

Esprema a vil calúnia, muito embora,  
Entre as mãos denegridas e insolentes,  
Os venenos das plantas  
E das bravas serpentes;

Chovam raios e raios, no meu rosto  
Não hás de ver, Marília, o medo escrito,  
O medo perturbado,  
Que infunde o vil delito.

Podem muito, conheço, podem muito,

As fúrias infernais, que Pluto move;

Mas pode mais. que todas

Um dedo só de Jove.

Este deus converteu em flor mimosa,

A quem seu nome deram, a Narciso;

Fez de muitos os astros

Qu'inda no céu diviso.

Ele pode livrar-me das injúrias

Do néscio, do atrevido, ingrato povo

Em nova flor mudar-me,

Mudar-me em astro novo.

Porém se os justos céus, por fins ocultos,

Em tão tirano mal me não socorrem,

Verás então que os sábios,

Bem como vivem, morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo,  
Tu, formosa Marília, bem o sabes:  
Um coração, e basta,  
Onde tu mesma cabes.

## LIRA XII

Ah! Marília, que tormento  
Não tens de sentir, saudosa!  
Não podem ver os teus olhos  
A campina deleitosa,  
Nem a tua mesma Aldeia,  
Que tiranos não proponham  
À inda inquieta ideia  
Uma imagem de aflição.  
Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

Quando leares, Marília,  
Teu ledro rebanho ao prado,

Tu dirás: aqui trazia  
Dirceu também o seu gado.  
Verás os sítios ditosos  
Onde, Marília, te dava  
Doces beijos amorosos  
Nos dedos da branca mão.  
Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

Quando à janela saíres,  
Sem queres, descuidada,  
Tu verás, Marília, a minha  
E minha pobre morada  
Tu dirás então contigo:  
Ali Dirceu esperava  
Para me levar consigo;  
E ali sofreu a prisão.  
Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente  
Do caro Glauceste a choça,  
Onde alegres se juntavam  
Os poucos da escolha nossa,  
Pondo os olhos na varanda  
Tu dirás, de mágoa cheia:  
Todo o congresso ali anda,  
Só o meu Amado não.  
Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua  
O meu companheiro honrado,  
Sem que me vejas com ele  
Caminhar emparelhado,  
Tu dirás: Não foi tirana  
Somente comigo a sorte;  
Também cortou desumana  
A mais fiel união.  
Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

Numa masmorra metido,  
Eu não vejo imagens destas,  
Imagens, que são por certo  
A quem adora funestas.  
Mas se existem separadas  
Dos inchados, roxos olhos,  
Estão, que é mais, retratadas  
No fundo do coração.  
Também mando aos surdos Deuses  
Tristes suspiros em vão.

# BASÍLIO DA GAMA [1741- 1795]

DEL SIGNOR ABATE

D. GIUSEPPE BASÍLIO DE GAMA

Fra Gli Arcadi

TERMINDO SIPILIO

SONETTO

Per il Fonte del Foro Agonale del Cav. Bernino

Questa è de' Fiumi la superba imago,

*Esta é dos Rios a soberba imago<sup>9</sup>*

Ch'umili s'inchinar di Piero al Soglio,

*Que se prostraram ao de Pedro o Sólío,*

Non già qual vide un tempo il Campidoglio

*Não como outrora viu o Capitólio*

Pianger fra Ceppi suoi Dacia, e Cartago.

*Sob seu jugo chorar Dácia e Cartago.*

---

<sup>9</sup> Mantenho o latinismo de Basílio da Gama, opto por “imago” em vez de “imagem” (*imagine* em italiano), mesmo levando em conta a conotação que a palavra ganhou com a psicanálise.

Là Signoreggia il Foro; e 'I fà più vago

*Lá Senhoreia o Foro; e o faz altívago*

Un sasso avanzo dell'Egizio orgoglio:

*O orgulho em pedra de um egípcio espólio:*

Quì gronda l'acqua da forato scoglio,

*Aqui jorra água por um grande escolho*

Che poscia accolta insieme ondeggia in lago.

*que então se acolhe e junta ondeia em lago.*

Cadranno i Simulacri, e il tempo ingiusto,

*Simulacros se vão, e o tempo injusto,*

Perchè contro di lui non v'è riparo,

*Contra quem toda luta é insensata,*

Spargerà le lor membra, 'I capo, e 'I busto.

*Espalhará seus membros, testa e busto,*

Ma vivrà del Bernino 'l nome chiaro,

*Mas viverá Bernini em fama grata,*

Sicchè<sup>10</sup> baceran l'onda el Tebro augusto

*e as orlas honrarão do Tibre augusto*

Gange, Nilo, Danubio, e il mio Argentaro.

*Ganges, Nilo, Danúbio e o meu Prata.*

---

<sup>10</sup> Atualização da ortografia “siché” (così che) para “sicché”, conjunção de valor conclusivo, “de modo que”. Até o século XVI, usava-se preferencialmente “sì che”. *Tradução Maurício Santana Dias*

## DOS INFECUNDOS

Dell' Abate Basilio de Gama Brasiliano

Se in tal dì, che i fuoi raggi il Sol d'orrore  
*Se no dia em que o Sol cobriu de horror*

Per la pietà del suo Fattor coprio,  
*seus raios ao Criador, por compaixão,*

Io colà fosse presso all'Equatore,  
*Eu estivesse perto do Equador,*

Dell' America mia nel suol natío  
*De minha América e meu pátrio chão;*

Fra quei monti, e quei Boschi pien d'amore,  
*Entre montes e bosques só de amor,*

Nel repensar quanto per me **sossrìo**  
*Ao repensar quanto por mim sofreu*

Il Divin Figlio, andrei con umil core  
*Seu Filho, iria com humilde cor*

Le **sue** pene piangendo, e il fallo mio.  
*suas penas chorando, e o erro meu.*

Ma dalla patria tanto lungi, e tanto,

*Mas tão longe de minha terra, e tanto,*

Or che passaggio alla gran Roma io sei,

*Ora que vi da grande Roma os céus,*

Convien che ceda allo stupore il pianto.

*Convém que ceda ao estupor o pranto.*

Che del morto mio Dio tanti trofei

*Pois do morto meu Deus tantos troféus*

Quì veggio, e tale, o Amici, è il vostro canto,

*Aqui há, e tal, ó Amigos, é seu canto,*

Che rimangon confusi i sensi miei

*que se atordoam os sentidos meus.*

Tradução Maurício Santana Dias

## RAIMUNDO CORREIA [1859–1911]

### SAUDADE

Aqui outrora retumbaram hinos;  
Muito coche real nestas calçadas  
E nestas praças, hoje abandonadas,  
Rodou por entre os ouropéis mais finos...

Arcos de flores, fachos purpurinos,  
Trons festivos, bandeiras desfraldadas,  
Girândolas, clarins, atropeladas  
Legiões de povo, bimbalar de sinos...

Tudo passou! Mas dessas arcarias  
Negras, e desses torreões medonhos,  
Alguém se assenta sobre as lájeas frias;

Em torno os olhos úmidos, tristonhos,  
Espraia, e chora, como Jeremias,  
Sobre a Jerusalém de tantos sonhos!...

Março, 1883

in: *Versos e versões* (1887), de Raimundo Correia.

## MARÍLIA

Ó Marília! Ó Dirceu! Eram dois ninhos  
Os vossos corações, ninhos de flores;  
Mas, entre os quais, sentíeis os rigores  
Lacerantes de incógnitos espinhos;

Tremiam, como em flácidos arminhos,  
Promiscuamente, neles os amores,  
As saudades, os cânticos, as dores,  
Como uma multidão de passarinhos...

O sulco profundíssimo que traça  
Nos corações amantes a desgraça,  
Ambos nos corações traçados viestes,

Quando os vossos olhares, no momento,  
Cruzaram-se, do negro afastamento,  
Marejados de lágrimas e tristes...

In: *Sinfonias* (1883), série “Perfis românticos”, de Raimundo  
Correia.

## NUM ÁLBUM DE AUGUSTO DE LIMA

Cheguei a esta cidade sexta-feira  
13 de abril, e o Martinel  
Deu-me o quarto (que horror!) n. 13  
Do seu hotel.

N. 13 e sexta-feira

Resta saber agora

Se mau grado tal número e tal data

Serei ou não aqui menos caipora.

In: *Dispersos*, de Raimundo Correia

**OLAVO BILAC [1865-1918]**

**VILA RICA**

O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre;

Sangram, em laivos de ouro, as minas que a ambição

Na torturada entranha abriu da terra nobre:

E cada cicatriz brilha como um brasão.

O ângelus plange ao longe em doloroso dobre.

O último ouro do sol morre na cerração.

E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,

O crepúsculo cai como uma extrema-unção.

Agora, para além do cerro, o céu parece  
Feito de um ouro ancião que o tempo enegreceu...  
A neblina, roçando o chão, cicia, em prece,  
  
Como uma procissão espectral que se move...  
Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...  
Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

In: *Tarde* [1919], de Olavo Bilac.

**ALPHONSUS DE GUIMARAENS [1870–1921]**

**S. BOM JESUS DE MATOZINHOS**

*Nostre Seigneur tel est, tel le confesse.*

*En ceste foy je vueil vivre et mourir*

F. Villon

*A José Severiano de Resende, Presbít.*

S. Bom Jesus de Matozinhos  
Fez a Capela em que o adoramos  
No meio de árvores e ramos  
Para ficar perto dos ninhos.

É como a Igreja de uma aldeia,  
Tão sossegada e tão singela...  
As moças, quando a lua é cheia,  
Sentam-se à porta da Capela.

Vai-se pela ladeira acima  
Até chegar no alto do morro.  
Tão longe... mas quem desanima.  
Se Ele é o Senhor do Bom-Socorro!

Tem tanto encanto a sua Igreja,  
Paz que nos é tão familiar,  
Que é impossível que se não seja  
Um bom cristão em tal lugar.

Alegrias mais que terrestres  
Murmuram hinos pelas naves.  
No adro, quantas flores silvestres...  
Nas torres, quantos voos de aves...

E atrás da Igreja o cemitério  
Floresce cheio de jazigos.  
Os próprios mortos, que mistério!  
Vivem na paz de bons amigos.

Quando o Jubileu se aproxima,  
Ai! quanta gente sobe o morro...  
Tão longe... mas quem desanima,  
Se Ele é o Senhor do Bom-Socorro!

Velhas de oitenta anos contados  
Querem vê-lo no seu altar.  
Braços abertos, mas pregados,  
Que nos não podem abraçar.

Entrevados de muitos anos,

Vão de rastros pelos caminhos  
Olhar os olhos tão humanos  
De Bom Jesus de Matozinhos.

Saem dos leitos, como de essas,  
Espectros cheios de esperança,  
E vão cumprir loucas promessas,  
Pois de esperar a fé não cansa.

Vinde, leprosos do grande ermo,  
Almas que estais dentro de lodos:  
Que o Bom Jesus recebe a todos,  
Ou seja o são ou seja o enfermo.

Almas sem rumo como as vagas,  
Vinde rezar, vinde rezar!  
Se Ele também tem tantas chagas,  
Como não há de vos curar...

Direis talvez: “Chegar lá em cima...  
Antes de lá chegar eu morro!

Tão longe...” Mas quem desanima  
Se Ele é o Senhor do Bom-Socorro!

Foi pelo meado de Setembro,  
No Jubileu, que eu vim amá-la.  
Ainda com lágrimas relembro  
Aqueles olhos cor de opala...

Era tarde. O sol no poente  
Baixava lento. A noite vinha.  
Ela tossia, estava doente...  
Meu Deus, que olhar o que ela tinha!

Ela tossia. Pelos ninhos  
Cantava a noite, toda luar.  
S. Bom Jesus de Matosinhos  
Olhava-a como que a chorar...

in: *Kiriale* [Porto: Tip. Universal, 1902], de Alphonsus de  
Guimaraens

## VILA DO CARMO

[XLIV]

Ó dolente Ribeirão do Carmo,  
Estrelado como um céu de agosto!  
(Musa de além, para decantar-mo,  
Bem que o viste, quando o sol foi posto).

Olhando o céu tão coberto de astros,  
Eu vi que estava diante de um altar  
E tive, como dentro dos claustros,  
Uma vontade imensa de rezar.

Que paz tão cheia de almos pensares,  
Que silenciais mágoas de repouso...  
Certo divaga por estes ares  
A Alma sublime de D. Viçoso.

Noites de luar nas cidades mortas,  
Casas que lembram Jerusalém...  
(Passam por mim, tristes e remotas,

Essas visões de amor que o céu contém.)

\_\_ Como passais num silêncio enorme,  
Virgens de luz, fadas erradias!

\_\_ “É a cidade episcopal que dorme  
No seio branco das litanias.”

Tombai de joelhos junto das cruzes,  
Para rezar por quem não tem fé!  
“Os túmulos estão cobertos de urzes,  
E não há mais uma cruz em pé.”

\_\_ Sombras esguias de confessandas,  
Eu bem sei que a desgraça vos flagela...  
Mas vós, tão tristes, tão miserandas,  
Rezai por Ela, rezai por Ela.

E então olhou-me (não seja embalde)  
O olhar de Deus para que eu espere...  
O luar tombava sobre a cidade  
Numa dolência de miserere.

in: *Pastoral aos crentes do amor e da morte* [SP: M. Lobato, 1923].

## A CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

[LXXIV]

Às margens destas águas silenciosas,  
Quantas vezes berçaste a alma dorida,  
Esfolhando por elas, como rosas,  
As suaves ilusões da tua vida!

Vias o doce olhar das amorosas  
Refletido na linfa entristecida,  
E, ao pôr-do-sol das vésperas ltuosas,  
Erguer-se o vulto da mulher querida...

Se é tão dolente o Ribeirão do Carmo,  
Onde com as mãos proféticas armaste  
Os castelos de amor que ora desarmo!

O teu sonho deixaste-o nestas águas...  
E hoje, revendo tudo que sonhaste,  
Por elas também deixo as minhas mágoas.

in: *Pastoral aos crentes do amor e da morte* [SP: M. Lobato, 1923].

**MÁRIO DE ANDRADE [1893–1945]**

**NOTURNO DE BELO HORIZONTE | 1924**

a Elysio de Carvalho

Maravilha de milhares de brilhos vidrilhos,  
Calma do noturno de Belo Horizonte...  
O silêncio fresco desfolha das árvores  
E orvalha o jardim só.  
Larguezas.  
Enormes coágulos de sombra.  
O polícia entre rosas...  
Onde não é preciso, como sempre...  
Há uma ausência de crimes  
Na jovialidade infantil do friozinho.

Ninguém.

O monstro desapareceu.

Só as árvores do mato-virgem

Pendurando a tapeçaria das ramagens

Nos braços cabindas da noite.

Que luta pavorosa entre floresta e casas...

Todas as idades humanas

Macaqueadas por arquiteturas históricas

Torres torreões torrinhas e tolices

Brigaram em nome da?

Os mineiros secundam em coro:

– Em nome da civilização!

Minas progride.

Também quer ter também capital moderníssima também...

Pórticos gregos do Instituto de Rádio

Onde jamais Empédocles entrará...

O Conselho Deliberativo é manuelino,

Salão sapiente de Manuéis-da-hora...

Arcos românicos de São José

E a catedral que pretende ser gótica...

Pois tanto esquecimento da verdade!

A terra se insurgiu.

O mato invadiu o gradeado das ruas,

Bondes sopesados por troncos hercúleos,

Incêndio de Cafés,

Setas inflamadas,

Comboio de trânsfugas pro Rio de Janeiro,

A ramaria crequenta cegando as janelas

Com a poeira dura das folhagens...

Aquele homem fugiu.

A imitação fugiu.

Clareiras do Brasil, praças agrestes!...

Paz.

O mato vitorioso acampou nas ladeiras.

Suor de resinas opulentas.

Grupos de automóveis:

Baitacas e jandaias do rosal.

E o noturno apagando na sombra o artifício e o defeito

Adormece em Belo Horizonte

Como um sonho mineiro.  
Tem festas do Tejuco pelo céu  
As estrelas baralham-se num estardalhaço de luzes.  
O sr. barão das Catas-Altas  
Reúne todas as constelações  
Pra fundir uma baixela de mundos...  
Bulício de multidões matizadas...  
Emboabas, carijós, espanhóis de Felipe IV...  
Tem baianos redondos...  
Dom Rodrigo de Castel Branco partirá!...  
Lumeiro festival... Gritos... Tocheiros...  
O Triunfo Eucarístico abala chispeando...  
Os planetas comparecem em pessoa!  
Só as magnólias – que banzo dolorido! –  
As carapinhas fofas polvilhadas  
Com a prata da Via-Láctea  
Seguem pra igreja do Rosário  
E pro jongo de Chico-Rei...  
  
Estrelas árvores estrelas  
E o silêncio fresco da noite deserta.

Belo Horizonte desapareceu  
Transfigurada nas recordações.

...Minas Gerais, fruta paulista...

Ouvi que tem minas ocultas por cá...

Mas ninguém mais conhece Marcos de Azeredo,

Quedê os roteiros de Robério Dias?

Prata

Diamantes cascadeantes

Esmeraldas esmeraldas esperanças!...

Não são esmeraldas, são turmalinas bem se vê:

A casinha de taipa a beira-rio.

Canoa abicada na margem,

A bruma das monções,

Mais nada.

Os galhos lavam matinalmente os cabelos

Na água barrenta indiferente.

As ondas sozinhas do Paraíba

Morrem avermelhadas mornas cor-de-febre.

E a febre...

Não sejamos muito exigentes.  
Todos os países do mundo  
Têm os seus Guaicuis emboscados  
No sossego das ribanceiras dolentes.  
As carneiradas ficavam pra trás...  
O trem passava apavorado.  
Só parou muito longe na estação  
Pra que os romeiros saudassem  
Nosso Senhor da Boa-Viagem.

Ele ficava imóvel na beira dos trilhos  
Amarrado à cegueira.

Trazia só os molambos necessários  
Como convém aos santos e  
Aos avarentos.

Porém o netinho corria junto das janelas dos vagões  
Com o chapéu do cego na mão.

Quando a esmola caía – com que triunfo! – o menino gritava:  
– Pronto! Mais uma!

Então lá do seu mundo

Nosso Senhor abençoava:

– Boa viagem.

Examina a carne do teu corpo.

Apesar da perfeição das estradas-de-ferro

E da inflexível providência dos horários,

Encontros descarrilamentos mortes...

Pode ser!...

As esmolas tombavam.

– Pronto! Mais uma!

– Boa viagem.

Minas Gerais de assombros e anedotas...

Os mineiros pintam diariamente o céu de azul

Com os pincéis das macaúbas folhudas.

Olhe a cascata lá!

Súbita bombarda.

Talvez folha de arbusto,

Ninho de teneném que cai pesado,

Talvez o trem, talvez ninguém...

As águas se assustaram

E o estouro dos rios começou.

Vão soltos pinchando rabanadas pelos ares,

Salta aqui salta corre viravolta pingo grito

Espumas brancas alvas

Fluem bolhas bolas,

Itoupavas altas...

Borbulham bulhando em murmúrios churriantes

Nas bolsas brandas largas das enseadas lânguidas...

De supetão fosso.

Mergulho.

Uivam tombando.

Desgarram serra abaixo.

Rio das Mortes

Paraopeba

Paraibuna,

Mamotes brancos...

E o Araçuí de Fernão Dias...

Barafustam vargens fora

Até acalmarem muito longe exânimes

Nas polidas lagoas de cabeça pra baixo.

Rio São Francisco o marrueiro dos matos  
Partiu levando o rebanho pro norte  
Ao aboio das águas lentamente.  
A barcaça que ruma pra Juazeiro  
Desce ritmada pelos golpes dos remeiros.  
Na proa, o olhar distante a olhar,  
Matraca o dançador:

“Meu pangaré arreado,  
Minha garrucha laporte,  
Encostado no meu bem  
Não tenho medo da morte.  
Ah!...”

Um grande Ah!... aberto e pesado de espanto  
Varre Minas Gerais por toda a parte...  
Um silêncio repleto de silêncio  
Nas invernadas, nos araxás  
No marasmo das cidades paradas...  
Passado a fuxicar as almas,

Fantasma de altares, de naves douradas  
E dos palácios de Mariana e Vila Rica...

Isto é: Ouro Preto.

E o nome lindo de São José d'El Rei mudado num odontológico  
Tiradentes...

Respeitemos os mártires.

Calma do noturno de Belo Horizonte...

As estrelas acordadas enchem de Ahs!... ecoantes o ar.

O silêncio fresco despenca das árvores.

Veio de longe, das planícies altas,

Dos cerrados onde o guache passa rápido...

Vvvvvvv... passou.

Passou tal qual o fausto das paragens de ouro velho...

Minas Gerais, fruta paulista...

Fruta que apodreceu.

Frutificou mineira! Taratá!

Há também colheitas sinceras!

Milharais canaviais cafezais insistentes

Trepadeirando morro acima.

Mas que chãos sovinas como o mineiro-zebu!

Dizem que os baetas são agarrados...

Não percebi, graças a Deus!

Na fazenda do Barreiro recebem opulentamente.

Os pratos nativos são índices de nacionalidade.

Mas no Grande Hotel de Belo Horizonte servem à francesa.

Et bien! Je vous demande un toutou!

Venha a batata-doce e o torresmo fondant!

Carne-de-porco não!

O médico russo afirma que na carne-de-porco andam micróbios de loucura...

Basta o meu desvairismo!

E os pileques

quase pileques

salamaleques

da caninha de manga!...

Taratá! Quero a couve mineira!

Minas progride!

Mãos esqueléticas de máquinas britando minérios,

As estradas-de-ferro estradas-de-rodagem

Serpenteiam teosoficamente fecundando o deserto...

Afinal Belo Horizonte é uma tolice como as outras.

São Paulo não é a única cidade arlequinial.

E há vida há gente, nosso povo tostado.

O secretário da Agricultura é novo!

Fábricas de calçados

Escola de Minas no palácio dos Governadores.

Na Casa dos Contos não tem mais poetas encarcerados,

Campo de futebol em Carmo da Mata,

Divinópolis possui o melhor chuveiro do mundo,

As cunhãs não usam mais pó de oiro nos cabelos,

Os choferes avançam no bolso dos viajantes,

Teatro grego em São João d'El Rei

Onde jamais Eurípides será representado...

Ninguém mais para nas pontes, Critilo,

Novidadeirando sobre damas casadas.

Tenho pressa! Ganhemos o dia!

Progresso! Civilização!

As plantações pendem maduras.

O morfético ao lado da estrada esperando automóveis...

Cheiro fecundo de vacas,  
Pedreiras feridas,  
Eletricidade submissa...  
Minas Gerais sáxia e atualista  
Não resumida às estações-termais!  
Gentes do Triângulo Mineiro, Juiz de Fora!  
Força das xiriricas das florestas e cerrados!  
Minas Gerais, fruta paulista!...

Alegria da noite de Belo Horizonte!  
Há uma ausência de males  
Na jovialidade infantil do friozinho.  
Silêncio brincalhão salta das árvores,  
Entra nas casas desce as ruas paradas  
E se engrossa agressivo na praça do Mercado.  
Vento florido roda pelos trilhos.  
Vem de longe, das grotas pré-históricas...  
Descendo as montanhas  
Fugiu dos despenhadeiros assombrados do Rola-Moça...  
  
Estremeção brusco de medo.

Pavor.

Folhas chorosas de eucaliptos.

Sino bate.

Ninguém.

A solidão angustiosa dos píncaros...

A paz chucra, ressabiada, das gargantas da montanha...

A serra do Rola-Moça  
Não tinha esse nome não...  
Eles eram do outro lado,  
Vieram na vila casar.  
E atravessaram a serra,  
O noivo com a noiva dele  
Cada qual no seu cavalo.

Antes que chegasse a noite  
Se lembraram de voltar.  
Disseram adeus pra todos  
E se puseram de novo  
Pelos atalhos da serra  
Cada qual no seu cavalo.

Os dois estavam felizes,  
Na altura tudo era paz.  
Pelos caminhos estreitos  
Ele na frente ela atrás.  
E riam. Como eles riam!  
Riam até sem razão.

A serra do Rola-Moça  
Não tinha esse nome não.

As tribos rubras da tarde  
Rapidamente fugiam  
E apressadas se escondiam  
Lá em baixo nos socavões  
Temendo a noite que vinha.

Porém os dois continuavam  
Cada qual no seu cavalo,  
E riam. Como eles riam!  
E os risos também casavam

Com as risadas dos cascalhos  
Que pulando levianinhos  
Da vereda se soltavam  
Buscando o despenhadeiro.

Ah, Fortuna inviolável!  
O casco pisara em falso.  
Dão noiva e cavalo um salto  
Precipitados no abismo.  
Nem o baque se escutou.  
Faz um silêncio de morte.  
Na altura tudo era paz...  
Chicoteando o seu cavalo,  
No vão do despenhadeiro  
O noivo se despenhou.

E a serra do Rola-Moça  
Rola-Moça se chamou.

Eu queria contar as histórias de Minas  
Aos brasileiros do Brasil...

Filhos do Luso e da melancolia,  
Vem, gente de Alagoas e de Mato Grosso,  
De norte e sul homens fluviais do Amazonas e do rio Paraná...  
E os fluminenses salinos  
E os guascas e os paraense e os pernambucanos  
E os vaqueiros de couro das caatingas  
E os goianos governados por meu avô...  
Teutos de Santa Catarina,  
Retirantes de língua seca,  
Maranhenses paraibanos e do Rio Grande do Norte e do Espírito  
Santo  
E do Acre, irmão caçula,  
Toda a minha raça morena!  
Vem, gente! vem ver o noturno de Belo Horizonte!  
Sejam comedores de pimenta  
Ou de carne requentada no dorso dos pigarços petiços,  
Vem, minha gente!  
Bebedores de guaraná e de açaí,  
Chupadores de chimarrão,  
Pinguços cantantes, cafezistas ricaços,

Mamíferos amamentados pelos cocos de Pindorama,  
Vem, minha gente, que tem festas do Tejuco pelo céu!  
Bárbara Heliadora desgrenhada louca  
Dizendo versos desce a rua Pará...  
Quem conhece as ingratidões de Marília?  
Juro que foi Nosso Senhor Jesus Cristo Ele mesmo  
Que plantou a sua cruz no adro das capelas da serra!  
Foi Ele mesmo que em São João d’El Rei  
Esculpiu as imagens dos seus santos...  
E há histórias também pros que duvidam de Deus...

O coronel Antônio de Oliveira Leitão era casado com dona Branca Ribeiro de Alvarenga, ambos de orgulhosa nobreza vicentina. Porém nas tardes de Vila Rica a filha deles abanava o lenço no quintal... – “Deve ser a algum plebeu, que não há moços nobres na cidade...” E o descendente de cavaleiros e de capitães-mores não quer saber de mésalliances. O coronel Antônio de Oliveira Leitão esfaqueou a filha. Levaram-no preso pra Bahia onde foi decapitado. Pois dona Branca Ribeiro de Alvarenga reuniu todos os cabedais. Mandou construir com eles uma igreja pra que Deus perdoasse as almas pecadoras do marido e da filha.

Meus brasileiros lindamente misturados,

Si vocês vierem nessa igreja dos Perdões  
Rezem três ave-marias ajoelhados  
Pros dois desinfelizes.  
Creio que a moça não carece muito delas  
Mas ninguém sabe onde estará o coronel...  
Credo!

Mas não há nada como histórias pra reunir na mesma casa...  
Na Arábia por saber contar historias  
U'a mulher se salvou...  
A Espanha estilhaçou-se numa poeira de nações americanas  
Mas sobre o tronco sonoro da língua do ão  
Portugal reuniu 22 orquídeas desiguais.  
Nós somos na Terra o grande milagre do amor.

Que vergonha si representássemos apenas contingência de defesa  
Ou mesmo ligação circunscrita de amor...  
Porém as raças são verdades essenciais  
E um elemento de riqueza humana.  
As pátrias têm de ser uma expressão de Humanidade.

Separadas na guerra ou na paz são bem pobres  
Bem mesquinhos exemplos de alma  
Mas compreendidas juntas num amor consciente e exato  
Quanta história mineira pra contar!

Não prego a guerra nem a paz, eu peço amor!  
Eu peço amor em todos os seus beijos,  
Beijos de ódio, de cópula ou de fraternidade.  
Não prego a paz universal e eterna, Deus me livre!  
Eu sempre contei com a imbecilidade vaidosa dos homens  
E não me agradam os idealistas.  
E temo que uma paz obrigatória  
Nos fizesse esquecer o amor  
Porque mesmo falando de relações de povo e povo  
O amor não é uma paz  
E é por amor que Deus nos deu a vida...  
O amor não é uma paz, bem mais bonito que ela,  
Porque é um complemento!...

Nós somos na Terra o grande milagre do amor!  
E embora tão diversa a nossa vida

Dançamos juntos no carnaval das gentes,  
Bloco pachola do “Custa mas vai!”

E abre alas que Eu quero passar!  
Nós somos os brasileiros auriverdes!  
As esmeraldas das araras  
Os rubis dos colibris  
Os abacaxis as mangas os cajus  
Atravessam amorosamente  
A fremente celebração do Universal!

Que importa que uns falem mole descansado  
Que os cariocas arranhem os erres na garganta  
Que os capixabas e paroaras escancarem as vogais?  
Que tem si o quinhentos-réis meridional  
Vira cinco tostões do Rio pro Norte?  
Juntos formamos este assombro de misérias e grandezas,  
Brasil, nome de vegetal!...

O bloco fantasiado de histórias mineiras  
Move-se na avenida de seis renques de árvores...

O Sol explode em fogaréus...

O dia é frio sem nuvens, de brilhos vidrilhos...

Não é dia! Não tem Sol explodindo no céu!

É o delírio noturno de Belo Horizonte...

Não nos esqueçamos da cor local:

Itacolomi... Diário de Minas... Bonde do Calafate...

E o silêncio... sio... sio... quiriri...

Os seres e as coisas se aplainam no sono.

Três horas.

A cidade oblíqua

Depois de dançar os trabalhos do dia

Faz muito que dormiu.

Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das ladeiras.

De longe em longe gritam solitários brilhos falsos

Perfurando o sombral das figueiras:

Berengüendens berloques ouropéis de Oropa consagrada

Que a goianá trocou pelas pepitas de ouro fino.

Dorme Belo Horizonte.

Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das ladeiras...

Não se escuta sequer o ruído das estrelas caminhando...  
Mas os poros abertos da cidade  
Aspiram com sensualidade com delícia  
O ar da terra elevada.  
Ar arejado batido nas pedras dos morros,  
Varado através da água trançada das cachoeiras,  
Ar que brota nas fontes com as águas  
Por toda a parte de Minas Gerais.

in: *Clã do Jaboti* [1927], de Mário de Andrade

**OSWALD DE ANDRADE [1890–1953]**

**ouro preto**

Vamos visitar São Francisco de Assis  
Igreja feita pela gente de Minas  
O sacristão que é vizinho da Maria Cana-Verde

Abre e mostra o abandono  
Os púlpitos do Aleijadinho  
O teto do Ataíde

Mas a dramatização finalizou  
Ladeiras do passado  
Esquartejamentos e conjurações  
Sob o Itacolomi  
Nos poços mecânicos policiados  
Da Passagem  
E em alguns maus alexandrinos

Só o Morro da Queimada  
Fala do Conde de Assumar

In: “Roteiro das Minas”, de *Pau-Brasil*, [1925], de Oswald de Andrade.

MANUEL BANDEIRA [189 -196 ]

## OURO PRETO

Ouro Branco! Ouro Preto! Ouro Podre! De cada  
Ribeirão trepidante e de cada recosto  
De montanha o metal rolou na cascalhada  
Para o fausto d'El -Rei, para a glória do imposto.

Que resta do esplendor de outrora? Quase nada:  
Pedras...templos que são fantasmas ao sol-posto.  
Esta agência postal era a Casa de Entrada...  
Este escombros foi um solar... Cinza e desgosto!

O bandeirante decaiu – é funcionário.  
Último sabedor da crônica estupenda,  
Chico Diogo escarnece o último visionário.

E avulta apenas, quando a noite de mansinho  
Vem, na pedra-sabão lavrada como renda,  
– Sombra descomunal, a mão do Aleijadinho!

In: *Ilustração Brasileira*, nº 94, RJ, junho de 1928.

*Lira dos cinqüent'anos* [1940], de Manuel Bandeira.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE [1902-1987]

## LANTERNA MÁGICA

### I. Belo Horizonte

Meus olhos têm melancolias,  
minha boca tem rugas.  
Velha cidade!  
As árvores tão repetidas.

Debaixo de cada árvore faço minha cama,  
em cada ramo dependuro meu paletó.  
Lirismo.  
Pelos jardins versailles  
ingenuidade de velocípedes.

E o velho fraque  
na casinha de apendre com duas janelas dolorosas.

## II. Sabará

*A Anibal M. Machado*

A dois passos da cidade importante  
a cidadezinha está calada, entrevada.  
(Atrás daquele morro, com vergonha do trem.)

Só as igrejas  
só as torres pontudas das igrejas  
não brincam de esconder.

O Rio das Velhas lambe as casas velhas,  
casas encardidas onde há velhas nas jinelas.

Ruas em pé  
pé de moleque

**PENÇÃO DE JUAQUINA AGULHA**

Quem não subir direito toma vaia...

Bem feito!

Eu fico cá embaixo

maginando na ponte moderna – moderna por quê?

A água que corre

já viu o Borba.

Não a que corre,

mas a que não para nunca

de correr.

Ai tempo!

Nem é bom pensar nessas coisas mortas, muito mortas.

Os séculos cheiram a mofo

e a história é cheia de teias de aranha.

Na água suja, barrenta, a canoa deixa um sulco logo apagado.

Quede os bandeirantes?

O Borba sumiu,

Dona Pimenta morreu.

Mas tudo é inexoravelmente colonial:

bancos janelas fechaduras lampiões.

O casario alastra-se na cacunda dos morros,

rebanho dócil pastoreado por igrejas:

a do Carmo – que é toda de pedra,

a Matriz – que é toda de ouro.

Sabará veste com orgulho seus andrajos...

Faz muito bem, cidade teimosa!

Nem Siderúrgica nem Central nem roda manhosa de forde

sacode a modorra de Sabará-buçú.

Pernas morenas de lavadeiras,

tão musculosas que parece foi o Aleijadinho que as esculpiu,

palpitam na água cansada.

O presente vem de mansinho

de repente dá um salto:

cartaz de cinema com fita americana.

E o trem bufando na ponte preta  
é um bicho comendo as casas velhas.

### III. Caeté

A igreja de costas para o trem.  
Nuvens que são cabeças de santo.  
Casas torcidas.  
E a longa voz que sobe

que sobe do morro

que sobe...

### IV. Itabira

Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê.  
Na cidade toda de ferro  
as ferraduras batem como sinos.  
Os meninos seguem para a escola.  
Os homens olham para o chão.  
Os ingleses compram a mina.

Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota  
incomparável.

## V. São João Del-Rei

Quem foi que apitou?  
Deixa dormir o Aleijadinho coitadinho.  
Almas antigas que nem casas.  
Melancolia das legendas.

As ruas cheias de mulas sem cabeça  
correndo para o Rio das Mortes  
e a cidade paralítica  
no sol  
espiando a sombra dos emboabas  
no encantamento das alfaias.

Sinos começam a dobrar.

E todo me envolve  
uma sensação fina e grossa.

## VI. Nova Friburgo

Esqueci um ramo de flores no sobretudo.

## VII. Rio de Janeiro

Fios nervos riscos faíscas.  
As cores nascem e morrem  
com impudor violento.  
Onde meu vermelho? Virou cinza.  
Passou a boa! Peço a palavra!  
Meus amigos todos estão satisfeitos  
com a vida dos outros.  
Fútil nas sorveterias.  
Pedante nas livrarias...  
Nas praias nu nu nu nu nu.  
Tu tu tu tu tu no meu coração.

Mas tantos assassinatos, meu Deus.  
E tantos adultérios também.  
E tantos tantíssimos contos do vigário...  
(Este povo quer me passar a perna.)

Meu coração vai molemente dentro do táxi.

## VIII. Bahia

É preciso fazer um poema sobre a Bahia...

Mas eu nunca fui lá.

In: *Alguma poesia*. BH: Pindorama, 1930.

## O VOO SOBRE AS IGREJAS

Vamos até à Matriz de Antônio Dias  
onde repousa, pó sem esperança, pó sem lembrança, o  
Aleijadinho.

Vamos subindo em procissão a lenta ladeira.  
Padres e anjos, santos e bispos nos acompanham  
e tornam mais rica, tornam mais grave a romaria de assombração.

Mas já não há fantasmas no dia claro,  
tudo é tão simples,  
tudo tão nu,  
as cores e cheiros do presente são tão fortes e tão urgentes  
que nem se percebem catingas e *rouges*, boduns e ouros do século  
18.

Vamos subindo, vamos deixando a terra lá embaixo.  
Nesta subida só serafins, só querubins fogem conosco,  
de róseas faces, de nádegas róseas e rechonchudas,

empunham coroas, entoam cantos, riscam ornatos no azul autêntico.

Este mulato de gênio  
lavou na pedra-sabão  
todos os nossos pecados,  
as nossas luxúrias todas,  
e esse tropel de desejos,  
essa ânsia de ir para o céu  
e de pecar mais na terra;  
este mulato de gênio  
subiu nas asas da fama,  
teve dinheiro, mulher,  
escravo, comida farta,  
teve também escorbuto  
e morreu sem consolação.

Vamos subindo nessa viagem, vamos deixando  
na torre mais alta o sino que tange, o som que se perde,  
devotas de luto que batem joelhos, o sacristão que limpa os  
altares,  
os mortos que pensam, sós, em silêncio, nas catacumbas e  
sacristias,  
São Jorge com seu ginete,  
o deus coberto de chagas, a virgem cortada de espadas,  
e os passos da paixão, que jazem inertes na solidão.

Era uma vez um Aleijadinho,  
não tinha dedo, não tinha mão,  
raiva e cinzel, lá isso tinha,  
era uma vez um Aleijadinho,  
era uma vez muitas igrejas  
com muitos paraísos e muitos infernos,  
era uma vez São João, Ouro Preto,  
Mariana, Sabará, Congonhas,  
era uma vez muitas cidades  
e o Aleijadinho era uma vez.

In: *Brejo das almas*. BH: Os amigos do livro, 1934.

## EVOCAÇÃO MARIANA

A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.  
Havia poucas flores. Eram flores de horta.  
Sob a luz fraca, na sombra esculpida  
(quais as imagens e quais os fiéis?)  
ficávamos.

Do padre cansado o murmúrio de reza  
subia às tabuas do forro,  
batia no púlpito seco,  
entranhava-se na onda, minúscula e forte, de incenso,  
perdia-se.

Não, não se perdia...  
Desatava-se do coro a música deliciosa  
(que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da morte, nas  
campinas do ar)  
e dessa música surgiam meninas - a alvura mesma -  
cantando.

De seu peso terrestre a nave libertada,  
como do tempo atroz imunes nossas almas,  
flutuávamos  
no canto matinal, sobre a treva do vale.

In: “Selo de Minas, de *Claro enigma*. RJ: José Olympio, 1951.

# ESTAMPAS DE VILA RICA

## I. CARMO

Não calques o jardim  
nem assustes o pássaro.  
Um e outro pertencem  
aos mortos do Carmo.

Não bebas a esta fonte  
nem toques nos altares.  
Todas estas são prendas  
dos mortos do Carmo.

Quer nos azulejos  
ou no ouro da talha,  
olha: o que está vivo  
são mortos do Carmo.

In: *Diário Carioca*, RJ, 16 set. 1951.

[com pseudônimo de Leandro Sabóia]

## II. SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Senhor, não mereço isto.  
Não creio em vós para vos amar.  
Trouxestes-me a São Francisco  
e me fazeis vosso escravo.

Não entrarei, senhor, no templo,  
seu frontispício me basta.  
Vossas flores e querubins  
são matéria de muito amar.

Dai-me, senhor, a só beleza  
destes ornatos. E não a alma.  
Presente-se a dor de homem,  
paralela à das cinco chagas.

Mas entro e, senhor, me perco  
na rósea nave triunfal.  
Por que tanto baixar o céu?  
por que esta nova cilada?

Senhor, os púlpitos mudos  
entretanto me sorriem.

Mais que vossa igreja, esta  
sabe a voz de me embalar.

Perdão, senhor, por não amar-vos.

### III. MERCÊS DE CIMA

Pequena prostituta em frente a Mercês de Cima.  
Dádiva de corpo na tarde cristã.  
Anjos caídos da portada  
e nenhum Aleijadinho para recolhê-los.

### IV. HOTEL TOFFOLO

E vieram dizer-nos que não havia jantar.  
Como se não houvesse outras fomes  
e outros alimentos.

Como se a cidade não servisse seu pão  
de nuvens.

Não, hoteleiro, nosso repasto é interior,  
e só pretendemos a mesa.

Comeríamos a mesa, se no-lo ordenassem as Escrituras.

Tudo se come, tudo se comunica,  
tudo, no coração, é ceia.

In: *Diário Carioca*, RJ, 16 set. 1951.

[pseudônimo de Leandro Sabóia]

## V. MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

São palavras no chão  
e memória nos autos.  
As casas inda restam,  
os amores, mais não.

E restam poucas roupas,  
sobrepeliz de pároco,  
a vara de um juiz,  
anjos, púrpuras, ecos.

Macia flor de olvido,  
sem aroma governas  
o tempo ingovernável.  
Muros pranteiam. Só.

Toda história é remorso.

In: *Diário Carioca*, RJ, 16 set. 1951.

[pseudônimo de Leandro Sabóia]

## MORTE DAS CASAS DE OURO PRETO

Sobre o tempo, sobre a taipa,  
a chuva escorre. As paredes  
que viram morrer os homens,  
que viram fugir o ouro,  
que viram finar-se o reino,  
que viram, reviram, viram,  
já não veem. Também morrem.

Assim plantadas no outeiro,  
menos rudes que orgulhosas  
na sua pobreza branca,  
azul e rosa e zarcão,  
ai, pareciam eternas!

Não eram. E cai a chuva  
sobre rótula e portão.

Vai-se a rótula crivando  
como a renda consumida  
de um vestido funerário.  
E ruindo se vai a porta.  
Só a chuva monorrítmica  
sobre a noite, sobre a história  
goteja. Morrem as casas.

Morrem, severas. É tempo  
de fatigar-se a matéria  
por muito servir ao homem,  
e de o barro dissolver-se.  
Nem parecia, na serra,  
que as coisas sempre cambiam  
de si, em si. Hoje, vão-se.  
O chão começa a chamar  
as formas estruturadas  
faz tanto tempo. Convoca-as

a serem terra outra vez.

Que se incorporem as árvores

hoje vigas! Volte o pó

a ser pó pelas estradas!

A chuva desce, às canadas.

Como chove, como pinga

no país das lembranças!

Como bate, como fere,

como traspassa a medula,

como punge, como lanha

o fino dardo da chuva

mineira, sobre as colinas!

Minhas casas fustigadas,

minhas paredes zurzidas,

minhas esteiras de forro,

meus cachorros de beiral,

meus paços de telha-vã

estão úmidos e humildes.

Lá vão, enxurrada abaixo,  
as velhas casas honradas  
em que se amou e pariu,  
em que se guardou moeda  
e no frio se bebeu.

Vão no vento, na caliça,  
no morcego, vão na geadá,

enquanto se espalham outras  
em polvorentas partículas,  
sem as vermos fenecer.

Ai, como morrem as casas!

Como se deixam morrer!

E descascadas e secas,

ei-las sumindo-se no ar.

Sobre a cidade concentro  
o olhar experimentado,  
esse agudo olhar afiado  
de quem é douto no assunto.

(Quantos perdi me ensinaram.)

Vejo a coisa pegajosa,  
vai circunvoando na calma.

Não basta ver morte de homem  
para conhecê-la bem.

Mil outras brotam em nós,  
à nossa roda, no chão.

A morte baixou dos ermos,  
gavião molhado. Seu bico  
vai lavrando o paredão  
e dissolvendo a cidade.

Sobre a ponte, sobre a pedra,  
sobre a cambraia de Nize,  
uma colcha de neblina  
(já não é a chuva forte)  
me conta por que mistério  
o amor se banha na morte.

Publicado originalmente no *Correio da Manhã*, RJ, 4 set. 1949.

In: *Claro enigma*. RJ: José Olympio, 1951.

## CECÍLIA MEIRELES [1901-1965]

### ESTE É O LENÇO

Este é o lenço de Marília,  
pelas suas mãos lavrado,  
nem a ouro nem a prata,  
somente a ponto cruzado.  
Este é o lenço de Marília  
para o Amado.

Em cada ponta, um raminho,  
preso num laço encarnado;  
no meio, um cesto de flores,  
por dois pombos transportado.  
Não flores de amor-perfeito,  
mas de malogrado!

Este é o lenço de Marília,  
bem vereis que está manchado:  
será do tempo perdido?

será do tempo passado?  
Pela ferrugem das horas?  
ou por molhado  
em águas de algum arroio  
singularmente salgado?

Finos azuis e vermelhos  
do largo lenço quadrado,  
– quem pintou nuvens tão negras  
neste pano delicado,  
sem dó de flores e de asas  
nem do seu recado?

Este é o lenço de Marília,  
por vento de amor mandado.  
Para viver de suspiros  
foi pela sorte fadado:  
breves suspiros de amante,  
– longos, de degredado!

Este é o lenço de Marília  
nele vereis retratado  
o destino dos amores  
por um lenço atravessado:  
que o lenço para os adeuses  
e o pranto foi inventado.

Olhai os ramos de flores  
de cada lado!  
E os tristes pombos, no meio,  
com o seu cestinho parado  
sobre o tempo, sobre as nuvens  
do mau fado!

Onde está Marília, a bela?  
E Dirceu, com a lira e o gado?  
As altas montanhas duras,  
letra a letra, têm contado  
sua história aos ternos rios,  
que em ouro a têm soletrado...

E as fontes de longe miram  
as janelas do sobrado.

Este é o lenço de Marília  
para o Amado.

Eis o que resta dos sonhos:  
um lenço deixado.

Pombos e flores, presentes.  
Mas o resto, arrebatado.

Caiu a folha das árvores,  
muita chuva tem gastado  
pedras onde houvera lágrimas.  
Tudo está mudado.

Este é o lenço de Marília  
como foi bordado.  
Só nuvens, só muitas nuvens  
vêm pousando, têm pousado

entre os desenhos tão finos  
de azul e encarnado.  
Conta já século e meio  
de guardado.

Que amores como este lenço  
têm durado,  
se este mesmo está durando?  
mais que o amor representado?

Publicado originalmente em *Sombra*, n° 22, RJ, set. 1943.

In: *Mar absoluto e outros poemas*, Porto Alegre, Globo, 1945.

## CASA DE GONZAGA

Este peso das casas, das pontes, dos arcos,  
das cargas, dos barcos,  
das águas do rio, dos gritos das crianças,  
do tempo cansado

do tanto passado,  
de tantas heranças,  
este peso de nomes, de datas,  
de acertos e enganos,  
de histórias antigas;  
este peso de pesos humanos;

este movimento secular e obscuro:  
– armazéns de vinho, giro de dinheiro,  
trabalho, feitorias, perspectivas,  
revoluções, ideias... o futuro.  
Lágrimas e cantigas.

Este cais estranho, fusco, promíscuo, incerto,  
de móveis águas, tristes e festivas,  
a este vento soberbo, sórdido e aventureiro...

E água e pedras, ácido aroma, vela inquieta  
nas ondas, e testas úmidas, e rudes brados,  
tudo isso anda em redor, como oscilante, velha moldura.

Mas houve um poeta  
que foi menino por estes sobrados.  
Ah! daquela janela abriu-se o olhar azul para a distância,  
puro olhar sem Brasis nem Áfricas, sem glória,  
sem amor e sem sepultura.

Quadro sem retrato,  
espelho sem rosto,  
tudo isso hoje é moldura transitória,  
oscilar em redor dessa remota infância:  
– um resto de memória,  
vago sonho inexato  
com leves crepes de desgosto.

*Poemas de viagens [1940-1964]*

## **BALADA DE OURO PRETO**

Parei a uma porta aberta  
para mirar um ladrilho.

Veio de dentro o leproso  
como quem sai de um jazigo.  
Caminhava ao meu encontro,  
sinistramente sorrindo.

Mas vi-lhe os braços de líquen,  
e as duas mãos desfolhadas,  
que cauteloso escondia  
nos fundos bolsos das calças.  
Chamas de um secreto inferno  
em seu sorriso oscilavam.

Fora menos triste a lepra  
do que o fogo do sorriso.  
E era linda aquela casa  
com o vestíbulo vazio;  
e era alegre aquela porta  
de claro azulejo antigo.

Ó santos da Idade Média,  
descei por esta ladeira,

parai a esta porta suave,  
que de azul toda se enfeita,  
tocai estes braços fluídos  
que vão sendo rosa e areia,

tornai-os firmes e pulcros,  
com mãos lisas, dedos novos,  
para que este homem não fite  
ninguém mais com os mesmos olhos,  
e seja outro o seu sorriso  
*per soecula soeculorum.*

“Primeira Balada de Ouro Preto”, in: *Letras e Artes*, RJ, 26 out.  
1947.

*Retrato natural*. RJ: Livros de Portugal, 1949.

## O QUE É QUE OURO PRETO TEM?

[primeiro improvisado]

O que é que Ouro Preto tem?

Tem montanhas e luar,  
tem burrinhos, pombos brancos,  
nuvens vermelhas pelo ar;  
tem procissões nas ladeiras  
com dois sinos a tocar,  
opas de todas as cores,  
anjinhos a caminhar;  
tem Rosário, S. Francisco  
Sta. Efigênia, Pilar;  
tem altares e oratórios,  
cadeirinhas de arruar;  
casas de doze janelas,  
estudantes a cantar;  
tem saudades, tem fantasmas,  
tem ouro em todo lugar;  
santos de pedra- sabão,  
pedras para escorregar,  
e ali, na rua das Flores,  
na varandinha do bar,  
tem a figura risonha  
do grande pintor Guignard

que Deus botou neste mundo  
para Ouro Preto pintar.

12 de abril de 1949.

## PEQUENO POEMA DE OURO PRETO

*A Rodrigo M. F. de Andrade*

Quem é a dona que toca?  
Fechei os olhos, não vi.  
Que nunca se abra a cortina  
quando eu passar por aqui.  
Sonho seus longos cabelos  
como harpa, na escuridão;  
seus olhos de prata, esquivos,  
e uma pérola nublosa  
no nácar de sua mão.

O que a dona vai tocando?  
Que importa? Seja o que for.

Tudo aqui fora à saudade.  
Lá dentro, seria amor.  
O piano que a dona toca,  
de onde, de que tempo vem?  
E o que eu penso, enquanto a escuto,  
Ela o pensará também?

*Poemas I (1942-1949)*

**MURILO MENDES [1901-1975]**

**OURO PRETO**

A alma livremente encarcerada  
Comunica-se com os doidos e os poetas  
Que pelas frias naves dão-se os pés.  
Sinto grego o céu de outrora me envolver.

A cavalo sobre as igrejas de pedra  
Irrompe o Aleijadinho na sua capa.

Nas linhas de ar balança-se o relógio  
Marcando cegamente o compasso do tempo.

Um vulto cruza outro na ladeira.  
Pelos desertos espaços metafísicos  
Arrastam-se as sandálias da pobreza.

Das varandas azuis tombam ossadas:  
Ouro Preto severa e íntima adormece  
Num abafado rumor de águas subterrâneas.

Publicado originalmente in: *Letras e Artes*, nº 71, RJ, 4 jan. 1948.

In: *Sonetos Brancos* [1946-1948]